



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Nzinga Mbandi:

representações de poder e feminilidade na obra do padre Cavazzi de Montecúcolo

Priscila Weber¹

Resumo:

Representações elaboradas pela rainha Nzinga Mbandi Ngola Kiluanji nos reinos africanos de Ndongo e Matamba no século XVII serão consideradas através de obras literárias produzidas em África, por escritores que obtiveram contatos com os povos dos reinos e com a rainha Nzinga nesse período. A obra do padre italiano João Giovanni Antônio Cavazzi de Montecúcolo, intitulada “*Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*” será privilegiada nas análises. Poder e feminilidade estão representados na forma de Nzinga guerrear e governar, ou seja, na forma como ela conduzia suas relações sociais. Assim, tende-se salientar sua figura de líder, cuja personalidade ficou gravada nas atividades que a rainha apreendeu, tornando-a personagem significativa para história africana.

Palavras-chave: Nzinga Mbandi, África, Poder, Feminilidade, Cavazzi de Montecúcolo.

Abstract:

Representations prepared by Queen Nzinga Mbandi Ngola Kiluanji in the African kingdoms of Ndongo and Matamba on the seventeenth century will be considered by literary works produced in Africa, by writers who had contact with people from the kingdom and the Queen Nzinga in this period. The work of the Italian priest João Giovanni Antônio Cavazzi de Montecúcolo, entitled "Historical Description of the three kingdoms of Congo and Angola Matamba" will be privileged in the analysis. Power and femininity are represented by how Nzinga acts during war and ruling, the way she conducted her social relations. Therefore, they tend to stress her as a leader, whose personality was remarkable by the activities that the queen seized, making her a significant character to African's history.

Keywords: Nzinga Mbandi, Africa, power, femininity, Cavazzi de Montecúcolo.

“Por não governar este Reino mulher”²

*“[...]um demônio em forma humana que ultrapassava Semíramis,
Cleópatra, a famosa Judith e Artêmis.”³*

Representações laboradas pela rainha Nzinga Mbandi Ngola Kiluanji nos reinos africanos de Ndongo e Matamba no século XVII serão consideradas através de obras literárias produzidas em África, por escritores que obtiveram contatos com os povos dos reinos e com a

rainha Nzinga nesse período. A obra do padre italiano João Giovanni Antônio Cavazzi de Montecúcolo, intitulada “*Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*” publicada em Lisboa pela Junta de Investigações do Ultramar em 1965 será privilegiada nas análises. A primeira publicação desta obra que se tem notícia foi no ano de 1687 em Bolonha, Itália. Abrangendo os primeiros vinte e cinco anos da missão capuchinha, nos reinos africanos de Matamba, Congo e Angola, a obra compreende o período que se estende de 1645 a 1670.

O padre italiano viveu nos reinos africanos e esteve muito próximo de Nzinga, relatando inclusive caracteres da sua vida pessoal. Pode-se observar que poder e feminilidade estão representados na forma de Nzinga guerrear e governar, ou seja, na forma como ela conduzia suas relações sociais. Tende-se salientar no presente trabalho, sua figura de líder, cuja personalidade ficou gravada nas atividades que a rainha apreendeu. Como soberana soube impor-se, possuindo obstinação e crueldade. Preservava sua posição, exterminava inimigos e recompensava amigos e súditos. Nzinga soube driblar o estranhamento por parte dos lusos com o governo nas mãos de uma mulher, portando-se com educação, instrução e diplomacia.

A compreensão dos simbolismos construídos nos reinos de Ndongo e Matamba no século XVII pela rainha Nzinga, são cabíveis de averiguação, pois importam para constatação das representações relacionadas a recortes de poder, sugerindo uma hierarquia e autoridade ligadas a uma feminilidade, modelo peculiar de gestão para o período, principalmente no que diz respeito ao reino de Ndongo, onde as fontes permitem a investigação de pioneirismo em governantes do sexo feminino.

Tanto Cavazzi⁴ como Cardonega⁵ descrevem Nzinga como uma mulher que possuía poder, tanto por sua personalidade voraz, ativa e dissimulada, que apavora estes observadores e escritores de uma África que estava em mãos dos *da terra*⁶ e, segundo eles devia estar em mãos dos *fidalgos*⁷. Por esse fato é verdade que muitas descrições podem ser maximizadas pelos escritores. No entanto, sem promover o abandono de um referencial e rigor teórico e metodológico que embasam a interpretação e a escrita da história, acredita-se que os relatos ou diários de viagem, bem como obras literárias de outros gêneros, podem auxiliar a conexão de interesses e motivações que cercavam determinado objeto a ser observado e interpretado. Essas fontes literárias oferecem uma valiosa fonte documental.⁸

No caso de Cavazzi, levando em consideração que a missão Capuchinha precisava se justificar, o remeter a uma África que deveria ser atrativa para “El Rey de Portugal” torna-se óbvio. Contudo, vale lembrar que, a personagem Nzinga está presente na história africana e

também de outros países, tanto europeus como americanos, surgindo nas literaturas e nos folclores⁹.

É imprescindível para tal, estudar e interpretar os processos históricos advindos da literatura produzida na época, uma vez que os povos africanos na sua maioria eram ágrafos deixando fontes alternativas para o estudo da História, como as obras literárias, compostas por uma série de documentos como os relatos de viajantes e de padres missionários, bulas papais, alvarás, entre outros. Estes documentos compõem uma rica literatura, escrita por mãos de europeu, mas não menos interpretáveis e informativas sobre uma África guerreira e feminina.

Nzinga descrita e escrita: representações por Cavazzi de Montecúcolo

Durante os séculos XV, XVI e XVII, as alternâncias correspondentes ao estabelecimento e o rompimento de alianças entre os chefes dos estados, o *mani* Congo e os portugueses eram constantes. Os portugueses convencidos das minas de ouro e prata existentes em território africano, mais especificadamente em território Congolês¹⁰ e, tentando sempre adentrar o continente na busca de escravos, procuravam continuamente a manutenção das alianças.¹¹ No reino do Ndongo e Matamba a situação permanecia peculiar à região do Congo, e, assim permaneceu até finais do século XVII com a dedicação, principalmente da rainha Nzinga¹² em apreender atividades que articulassem sempre a permanência da união entre os dois reinos.¹³

Nzinga governa o Ndongo por apenas cinco anos, não conseguindo manter-se politicamente. Para ela é difícil reclamar a realeza porque sua mãe era escrava e o Ndongo não tinha tradição de governos em mãos femininas. Após cinco anos governando o Ndongo refugia-se em Matamba, reino com tradição em governos femininos. Esse fator torna sua estada no poder com possibilidades maiores de permanência.¹⁴

Apesar do pouco tempo no poder no reino do Ndongo, seus empreendimentos bélicos já são suficientes para sua figura ficar afamada. Em Matamba, a rainha dirigia sempre os exércitos contra os portugueses, situação que também contribuiu para a produção em torno da rainha de conceitos que a distinguiam das demais rainhas de Matamba.

Nzinga Mbandi nasceu por volta de 1582 no Ndongo Oriental. Filha de Jinga Mbandi Ngola Kiluanji¹⁵, rei do Ndongo e de uma escrava Mbundo Guenguela Cacombe, Nzinga nasceu em um contexto de superação da crise, ocorrida pela invasão dos portugueses em Angola¹⁶. Nzinga foi preparada para liderar por seu pai, recebendo os princípios de uma

educação religiosa, especialmente práticas que diziam respeito aos Jagas. Sua progênie era Jaga e em parte Mbundo-Jaga através de seu tataravô e Mbundo através de sua mãe. Assim, ela precisava de uma instrução que compreendesse a heterogeneidade dos povos que iria governar e, precisava defendê-los dos invasores lusos¹⁷. A descendência dupla seria a forma mista de conciliar os laços maternos e paternos, logo, conciliar os reinos e os exércitos, tão importantes para manutenção do poder¹⁸.

Antes de marcharem para batalha, os exércitos liderados pela rainha Nzinga praticavam rituais de canibalismos. Apesar de estes rituais estarem pouco presentes na tradição Mbundo, segundo Cavazzi¹⁹ entre os Jagas esse ritual era frequente e a soberana possuía conhecimento de que ele era muito eficaz para a afirmação das unidades que governava.

No Ndongo Oriental, grupos mistos de imbundos e jagas resistiam à penetração portuguesa no continente e nas tentativas de catequizar aquela região, de impor novas crenças e costumes. Faziam isso para manter suas tradições e também, o controle que exerciam junto ao comércio. Segundo, Beatrix Heintze²⁰, o que permeava esta resistência era o sentimento anti-português na região. A frente da principal resistência africana nesta época esteve à rainha Nzinga Mbandi Ngola Kiluanji, sendo de 1623 a 1663 a líder dos povos imbundos-jagas que habitavam as regiões de Ndongo e Matamba. Nzinga Mbandi ascende ao trono após seis anos de disputas com seu irmão, o Ngola, desde a morte do pai de ambos²¹.²²

John Thorton²³ informa que Nzinga, ou como o autor grafava Njinga, tornou-se uma imbangala (jaga) para obter apoio deste povo que era guerreiro. Isso era necessário, pois frequentes batalhas entre habitantes do Ndongo, Matamba e adjacências eram travadas. Ainda segundo o autor, a sua dupla identidade étnica, jaga e imbundo foram demasiadas úteis para sustentar posições volúveis e também, como mantenedora de tradições dos dois grupos que poderiam ser favoráveis a sua administração. A rainha Njinga buscava ser eleita sempre ao modo Jaga, com votos de um seleto grupo de escravos e também da forma imbundo, pela consanguinidade²⁴.

Nzinga era segundo Glasgow²⁵ suficientemente astuta para perceber que sua coroação, a aplicação das tradições Jagas, e a aparente rejeição ao cristianismo legitimaram seu poder ainda mais²⁶. Ela compreendia que seria mais fácil exigir lealdade e apoio de seu povo alicerçada nas suas heranças culturais. Desta forma, a articulação entre Mbundos e Jagas, entre ambas as tradições era um desafio para estabilidade do governo de Nzinga.

Apesar da resistência, a soberana africana acrescentou elementos portugueses a seu reinado, ligados a hibridizações de culturas e a níveis diplomáticos em que a rainha precisava

estabelecer. Quando recebia enviados políticos, procurava apresentar-se com muita pompa, ostentando riquezas como cobre, prata e pérolas. Contudo, essa europeização ocorria só nos trajes, pois governava ainda ao modo imbundo-jaga, sendo vislumbrada por seu povo como uma soberana poderosa, responsável pela chuva e por boas colheitas, além de ser possuidora de um exército bem treinado, decidindo quais portos seriam abertos e quais fechados, conforme suas relações com os chefes locais e com os portugueses²⁷. Desta forma, os comerciantes procuravam manter uma harmonia com a rainha Nzinga para tornar possível as trocas comerciais.

Contudo, nem só de guerras vivia a corte da soberana Nzinga. O palácio real, área mais segura de Matamba²⁸, era local de acontecimentos festivos e recepções para ministros, chefes, hóspedes estrangeiros e personalidades importantes do reino. Segundo Cavazzi²⁹ o jantar era, para Nzinga, um acontecimento cerimonial importante que refletia seu apreço por rituais. A rainha geralmente sentava-se em um coxim em cima de um tecido e um tapete, sendo rodeada por aias e ministros. Era servida por lacaios, que também serviam seus convidados. Apreciava demasiadamente carne de cabra e de galinha, apesar de comer pouco. Vinhos caros e tabaco estavam presentes em sua dieta. Pinturas e desenhos da época³⁰ retratam uma rainha vaidosa, ora com modismos portugueses, ora com modismos africanos, pratarias, pérolas e cobses a adornavam, sem falar na coroa real e nos penteados. Lindos tecidos e roupas também compunham sua aparência, como nos descreve o padre capuchinho.

Pode-se observar na obra do padre italiano descrições de como Nzinga começara sua transição e de seu reino para o emprego oficial da fé católica. Talvez, um dos primeiros momentos foi com o aprisionamento de sua irmã em Luanda e, apesar de Nzinga ter obtido garantias de que sua irmã seria bem tratada, não mediu esforços para libertá-la, negociando intensivamente com embaixadores em Luanda, propondo sempre alianças com os portugueses sem nunca se render nem tomar decisões que a colocassem em situação de humilhação.

Em alguns relatos acompanhados de pinturas de cronistas da época, fica difícil discernir o que pode ser ficção e o que pode ser realidade, tamanha elaborada descrição. Segundo alguns destes relatos³¹, Nzinga foi recebida em Luanda com todo ornato que uma cerimônia digna de uma soberana merecia. Na presença do governador de Luanda, Nzinga constata apenas uma almofada para ela sentar, sendo o trono ocupado pelo então governador. Rapidamente, Nzinga dribla a situação de rebaixamento em que é exposta chamando uma escrava para permanecer em uma posição que lembra uma cadeira. A rainha senta-se e com todo decoro, no lombo da escrava, conduzindo as negociações que se propunha realizar³².

Essa cena comove tanto os espectadores e escritores europeus produtores das literaturas passíveis de serem consideradas como fonte para pesquisa histórica, que podemos observar essa passagem não só em Cavazzi, mas também muito enfatizada em Cardonega. Cavazzi inclusive reproduz a cena, fomentando com seus desenhos toda audácia da rainha negra.

Nzinga permanece em Luanda por algum tempo e acaba aceitando com muita resistência o batismo, recebendo o nome cristão de Ana Souza³³ e cedendo a fé cristã como forma de obter maior poderio bélico e comercial. A rainha manteve as práticas dos rituais costumeiros nos reinos que governava³⁴. Outro momento que coloca o reino em situação de conversão é a idade de Nzinga, pois esta avançava junto com o exército português que ganhava batalhas importantes. Em carta ao Governador de Luanda Luíz Martins de Souza Chichorro, em 13 de dezembro de 1655, Nzinga tenta negociar mais uma vez a soltura de sua irmã. Ela é pressionada mais uma vez a converter o reino³⁵.

A convivência com os padres capuchinhos também influenciou nessa decisão. Os relatos de Cavazzi³⁶ exprimem a pregação do ideário católico no reino, antes mesmo da conversão oficial. Após a conversão da rainha, o reino entra em decadência. Uma igreja conforme os moldes portugueses é construída em Matamba. Outro modelo administrativo começa a tomar forma no reino, evidenciando-se a produção de gêneros alimentícios para exportação. Parece que entre meados dos anos cinquenta do século XVII, Nzinga estava convencida de que uma aliança, promovida pela inserção da religião católica no seu reino, seria o melhor para sua administração. Com isso, a soberana resolve considerar um casamento monogâmico, que se realiza em 5 de fevereiro de 1658. Após esse ato é comum ver Nzinga discursando como uma legítima católica, conforme afirma com muito gosto o padre Cavazzi.³⁷

A construção dos meios de guerrear de Nzinga sempre foi alicerçada na heterogeneidade dos povos regionais de seu reino e dos Jagas. Entretanto, como boa articuladora, sempre conseguiu mantê-los unidos para defesa de seus interesses³⁸. A introdução da fé cristã em Matamba foi mais um desafio que a soberana precisou enfrentar para garantir-se no poder. A decadência do reino, tanto na parte bélica, com perdas de batalhas significativas, quanto na parte administrativa, pois Nzinga precisava de alianças fortes para comerciar e manter a economia do reino, com certeza foi elemento agravador para que ocorresse a conversão.

Construções simbólicas de poder e feminilidade: a rainha Nzinga representada

A rainha Nzinga Mbandi está ligada diretamente a construções dos sistemas simbólicos (arte, religião e língua) como estruturas estruturantes do poder³⁹. Desta forma, enquanto determina regras que a comunidade se propunha a adotar, ela está diretamente exercendo uma liderança, calcada em um poder.

O poder, denotado nos meios e moneios de guerrear, de Nzinga Mbandi é gerador de representações culturais⁴⁰ que historicizadas são passíveis de serem analisadas. O poder de fazer-se cumprir, colocando o que deve ser absorvido ou refutado por uma comunidade no caso da rainha Ginga, é uma importante ferramenta para a distinção de uma memória que guarda uma forma cristalizada de agir, uma tradição, remetida a uma figura feminina, a figura de Nzinga⁴¹.

Assim, estabelecer uma articulação, descrição e percepção das representações culturais coletivas que interagem com atores sociais e históricos subjetivos são um desafio que cabe a história cultural. Segundo Roger Chartier:

O desafio lançado por uma história das sociedades, da qual a *microstoria* italiana pode ser considerada como uma modalidade exemplar consiste, portanto, na necessária articulação entre, de um lado, a descrição das percepções, das representações e das racionalidades dos atores e, de outro, a identificação das interdependências desconhecidas que, juntas, delimitam e informam suas estratégias. Dessa articulação depende a possível superação da oposição clássica entre as singularidades subjetivas e as determinações coletivas.⁴²

As representações culturais articulam as representações coletivas que os indivíduos incorporam e, que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social, organizando as percepções, classificações e ações das formas de estilização que pretendem ser reconhecidas pelos estudos das representações, da história e da cultura⁴³.

Buscando analisar representações é válido considerar, para mais uma vez citar Roger Chartier⁴⁴, os argumentos que compreendem a relação dos conceitos referentes às culturas⁴⁵ que, com seus elementos simbólicos podem ser traduzidos historicamente, de forma que possibilite o entendimento de determinado contexto temporal e social.

Para John Thornton⁴⁶, cultura é “o processo como o modo de vida de uma sociedade incluindo entre outros aspectos, parentescos, estrutura política, linguagem, literatura, artes, música, dança e religião”. Esses elementos não são estáticos. São sensíveis às características de uma determinada região ou comunidade e podem mudar rapidamente, outros são mais estáveis e transformam-se com mais lentidão.

Entende-se que as culturas nada mais são do que representações históricas, e, os elementos que as formam, as práticas culturais, estão carregados de simbolismos. São esses símbolos, que muitas vezes ajudam a compreender determinado objeto, determinada realidade social. Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade⁴⁷.

Neste texto, a busca pela concretização dos objetivos está associada com os estudos que permitem articular as noções de representação cultural, de poder simbólico com caracteres históricos. Vale lembrar que o trabalho pretende averiguar um poder outro, derivado de esferas femininas de relações sociais. Todavia, a oposição masculino/feminino não é priorizada biologicamente, mas sim, nas representações derivadas de um contexto histórico que permite essa configuração baseada na peculiaridade de uma dominação simbólica, que também pode produzir tantas consequências quanto às outras formas de dominações.

Para mais uma vez citar Roger Chartier:

O essencial não é, por conseguinte, opor termo a termo uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino/feminino, mas identificar, para cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como dado “natural”, e por isso biológico, a divisão social – e por isso histórica – dos papéis e das funções.⁴⁸

As funções derivadas de um poderio alicerçado em uma gestão feminina era algo peculiar na África dos seiscentos. Thorton⁴⁹, afirma que Nzinga, somente chega ao poder porque inicialmente é regente do filho de seu irmão, o então herdeiro do trono. Cavazzi⁵⁰ afirma que Nzinga mata pessoalmente seu sobrinho para tomar o poder jogando seu corpo no rio Cuanza. Assim, em 1623 Nzinga ascende ao trono.

O padre italiano ainda relata que nestas sociedades as mulheres e os escravos estariam na última escala de poder. No campo, por exemplo, os trabalhos pesados desde a sementeira até a colheita eram executados por mulheres,⁵¹ bem como quando os senhores morriam, escravos e suas mulheres eram enterrados junto dele.⁵²

Joseph Miller⁵³, por outro lado, evidencia em seus artigos a legitimidade do poder de Nzinga. John Thornton⁵⁴ responde com contestação, argumentando que o poder nas mãos de uma mulher era algo incomum. Se por um lado as fontes da época afirmam para o impedimento de Nzinga governar oriundo da condição de ser mulher, por outra vertente, sabemos de precedentes femininos que também governavam na tradição Mbundu.

O padre Cavazzi merece uma leitura cuidadosa para apreciação de seus relatos descrevendo as formas e possibilidades de governo de Nzinga Mbandi. Por ser europeu e

possuidor de uma cultura diferente da africana, não são raras as passagens em que os ritos e hábitos rotineiros são colocados com repulsa e indignação. Essas passagens que barbarizam e exageram, que são preconceituosas, muitas vezes são importantes porque transmitem o que saltou aos olhos do observador, o que lhe era diferente e ameaçador, possibilitando aos relatos descrições detalhadas.

Entretanto, seus escritos são insuficientes para afirmarmos que Nzinga, enquanto mulher foi uma exceção no poder, ou que uma figura feminina governando era algo comum. Essa questão é demasiada polêmica e rodeia todos os estudos acerca de Nzinga Mbandi. Sabe-se que as fontes ainda não se esgotaram e que um estudo específico é necessário. Como esse estudo carece, esta questão divide pesquisadores.

O que por ora pode-se constatar é que Nzinga Mbandi governou e guerreou de forma aguerrida e determinada, causando estranhamento e deslumbramento aos que a conheciam e a descreviam. Sua fama atravessou os séculos e os oceanos. A memória histórica, a memória coletiva e a representação de Nzinga ainda são ligadas à resistência e autonomia. Ela foi e, ainda é evocada em festas populares e autos religiosos realizados no Brasil⁵⁵. Um exemplo são as descrições efetuadas por Câmara Cascudo⁵⁶ que relata as Congadas no nordeste do Brasil. Nas Congadas a rainha Ginga aparece com “seu nome soberano, dispondo vidas, determinando guerras, vencendo sempre. Reaparece lembrando, não as campanhas contra os portugueses, mas nas incursões militares aos sobatos vizinhos, régulos do Congo, Cariongo em Ambaca”⁵⁷. A imagem de Nzinga está associada a uma rainha guerreira que resistiu aos portugueses, que lutou bravamente, que possuía poder e obstinação.

ANEXOS



Figura 01: Retrato de Nzinga Mbandi em um pergaminho conservado no mosteiro de Coimbra, ilustração presente na obra: BRÁSIO, Antônio. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: A.G.U. 1952, 11vol.



Figura 02: Nzinga negociando acordo: In: CAVAZZI, João Giovanni Antônio. *Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

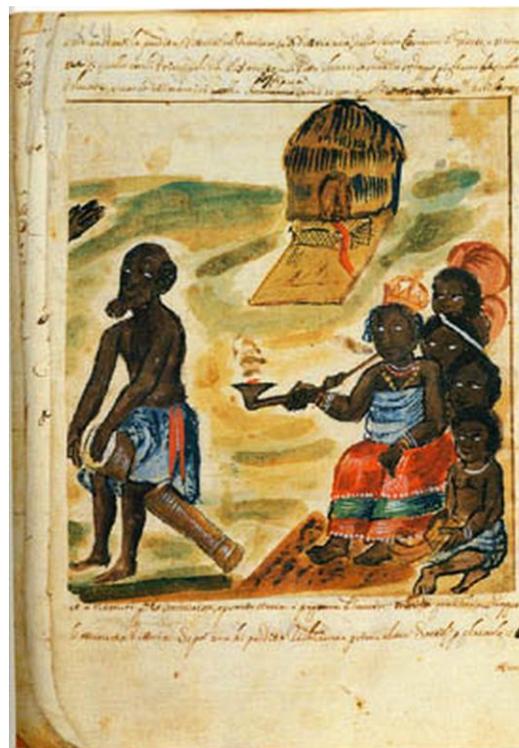


Figura 03: Nzinga fumando tabaco: In: CAVAZZI, João Giovanni Antônio. *Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

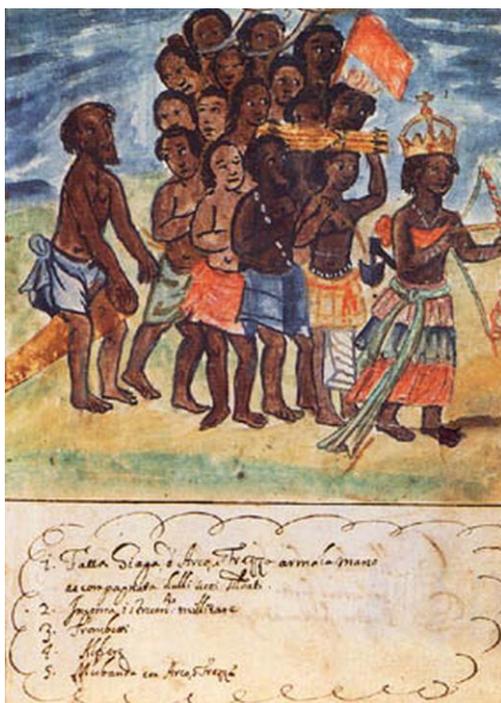


Figura 04: Cerimônia e costumes no reino de Nzinga. In: CAVAZZI, João Giovanni Antônio. *Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

¹ Graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul/RS. Tem experiência na área de História, com ênfase nas representações culturais relacionadas a História da África e História dos Afro-descendentes no Brasil. Atua principalmente nos seguintes temas: história atlântica e história de Angola (XVII).

² Carta de Fernão de Souza ao Rei de Portugal, de 21.2.1626. In: BRÁSIO, Antônio. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: A.G.U. 1952, 11vol, pp. 147.

³ CADORNEGA, Antônio de Oliveira. *História Geral das guerras Angolanas*. Agência Geral das Colônias, 1940, 3 vol. (escrito em Luanda em 1680), pp. 89.

⁴ CAVAZZI, João Giovanni Antônio. *Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: J.I.U. 1965.

⁵ Idem 2.

⁶ Descrição geralmente utilizada nas obras de viajantes europeus que percorreram a África dos seiscentos para descrever aqueles que tinham por origem e nascimento algum reino da África. Sugere-se a averiguação de: CADORNEGA, Antônio de Oliveira. *História Geral das guerras Angolanas*. Agência Geral das Colônias, 1940, 3 vol. (escrito em Luanda em 1680)

⁷ Descrição utilizada para designar aqueles que eram nascidos em Portugal.

⁸ CORREA, Silvio Marcus de Souza; Silveira, Eder da. *Viajantes brancos na África negra do século XV*. p. 85. In: MACEDO, José Rivair (org.) *Desvendando a História da África*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

⁹ Segundo Roger Bastide (1974: 26), “Os navios negreiros transportavam a bordo não somente homens, mulheres e crianças, mas ainda seus deuses, suas crenças e seu folclore”. Na obra *As Américas Negras*, o sociólogo francês antecipa os trabalhos que remetem aos moldes mais modernos em termos de percepção sociológica e cultural dos estudos dos afro-descendentes. Logo, ele está atento ao historicismo presente nas averiguações que escreve, apesar de não ter a “pretensão” - para usar palavras do autor - de ser um historiador, sugerindo que representações oriundas de percepções culturais africanas atravessaram o oceano Atlântico. BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

BASTIDE, Roger. *Os Congos no sul do Brasil*. Revista Trimestral Província de São Pedro, Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo: Editora Globo, n°10.

¹⁰ Segundo John Torthon, a primeira descrição abrangente do Congo foi produzida por Duarte Lopes, Embaixador do Congo em Roma, em torno de 1588, publicado editado por Philipo Pigafetta, intitulado “*Relatione del Reame de Congo e la circonvincinta contrade*” (Rome, 1591). In: TORTHON, John. *ELITE*

WOMEN IN THE KINGDOM KONGO: HISTORICAL PERSPECTIVES ON WOMEN'S POLITICAL POWER, *Journal of African History*, 47 (2006), pp. 437–60. 2006 Cambridge University Press.

¹¹ Vale conferir uma passagem de M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009, p. 252, para o entendimento das relações referentes ao tráfico transatlântico. “A Europa não se manteve ausente das correntes de trocas negreiras anteriores ao tráfico transatlântico. A sua participação, inicialmente menor e indireta, fez-se por intermédio dos seus vizinhos mulçumanos. Depois, a partir do século XIV, os europeus, principalmente os da península ibérica, esforçaram-se, não sem êxito, por abrir vias de trocas diretas com a África atlântica. Inicialmente polivalentes, estas trocas acabaram por concentrar nos escravos como mercadoria privilegiada. Tendo-se tornado rapidamente independente dos canais árabes, o comércio dos escravos feito pelos europeus havia de conhecer uma amplitude sem precedentes”

¹² Nzinga Mbandi povoou o imaginário de alguns escritores. A título de curiosidade e também de uma perspectiva de interpretação de algumas fontes históricas documentais onde Nzinga é relatada, podemos vislumbrar os seguintes romances:

AZEVEDO, João Maria Cerqueira de. *Jinga, Rainha de Matamba*, Braga: Oficinas Gráficas Augusto Costa, 1949.

CASTILHON, Jean-Louis (1720?-1793?). *Zingha, reine: histoire africaine*, Paris : Hachette, 1972.

MUSSA, Alberto, *O trono da rainha Jinga: romance*, Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1999.

PECARIVA, Manuel Pedro. *Nzinga Mbandi*. Lisboa: Ed. 70, 1979.

¹³ Um estudo mais detalhado sobre os movimentos bélicos que envolviam a rainha Nzinga Mbandi pode ser conferido na seguinte obra:

PARREIRA, Adriano. *Economia e sociedade em Angola na Época da Rainha Jinga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

¹⁴ M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

¹⁵ Segundo BIRMINGHAM, David. *Central Africa from Cameroun to the Zambezy*, In: David Birmingham. *The Cambridge History of Africa*. Cambridge University Press, 1977, v. III, cap. 7, v. III, pp. 538, é por volta do século XVI que parecem ter surgido as formas de parentesco Ngola.

¹⁶ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 21; LOPEZ, Duarte e PIGAFETTA, Filipo. *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas*. Lisboa, Agência Geral das Colônias/ Divisão de Publicação e Bibliotecas, 1949, p. 37; PANTOJA, Selma. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000, pp. 78.

¹⁷ GLASGOW, Roy Arthur, *Nzinga: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663*. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp. 41.

¹⁸ MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Afrontamento, 1976, pp.48.

¹⁹ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 72.

²⁰ HEINTZ, Beatrix. *Angola nas garras do tráfico de escravos: as guerras do Ndongo 1661-1630*. *Revista Internacional de Estudos Africanos*. Lisboa: 1(1) 15, 1984, pp. 38-39.

²¹ CAVAZZI, *op. cit.*, v. II, p. 71; GLASGOW, *op. cit.*, p. 35-43; CADORNEGA, *op. cit.*, v. I, p. 91.

²² Segundo Marina de Mello e Souza (2002), baseada em um viajante italiano chamado Girolamo de Montesarchio, que relata sua passagem no reino africano do Congo no ano de 1625, esses rituais de batalhas por poder, logo, por territórios e por disputas de linhagens eram comum para a legitimação do novo chefe. In: SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

²³ THORTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800*. Rio de Janeiro, Elsevier: 2004, pp. 201-216.

²⁴ Recentes estudos da tradição oral dos Mbundu ampliaram o conhecimento sobre a história desse povo ao longo dos séculos XVI-XVII. Sabe-se que os laços de linhagens, por exemplo, ocupavam lugar determinante para o desenvolvimento da política, como podemos perceber na sucessão de Ngola Mbandi privilegiando Nzinga Mbandi a ascender e tomar o trono. Alguns dos estudiosos mais atuais, que estudaram a região da África central são: David Birmingham (1977), Joseph Miller (1995), Beatriz Heitze (1984) e Adriano Parreira (1989).

²⁵ GLASGOW, *op. cit.*, p. 92.

²⁶ Na obra BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Ed. da UnB, 1980, é evidente as articulações dramáticas ou dramatizadas que os chefes de Estados atribuem ao seu governo para conseguirem se manter no poder. Para um maior aprofundamento dos conceitos relacionados a essa entronização dramatizada para manutenção de poder vale a pena conferir esse estudo.

²⁷ GLASGOW, *op. cit.*, p. 102.

²⁸ GLASGOW, *op. cit.*, p. 95.

²⁹ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 100-150.

³⁰ O padre Antonio Cavazzi traz nas descrições dos reinos do Congo, Angola e Matamba figuras sobre rituais e viveres da rainha Nzinga. J. B. Labat também faz várias ilustrações sobre como a rainha se portava. Entre as ilustrações mais famosas de Labat estão um retrato de Nzinga e um desenho retratando a cerimônia de seu funeral.

³¹ CAVAZZI, *op. cit.*; CADORNEGA, *op. cit.*. Ver também nas obras de Selma Pantoja (2000) e de Roy Glasgow (1982).

³² DELGADO, Ralph. *A história de Angola. Primeiro e segundo período. 1482-1648*. Benguela: Journal de Benguela, 1948, 4v, pp. 81; GLASGOW, *op. cit.*, p. 84; PANTOJA, *op. cit.*, p. 102.

³³ CADORNEGA, *op. cit.*, v. 3, escreve que sabia do fato em virtude dos mercadores que viviam nesta época em Luanda.

³⁴ BRÁSIO, *op. cit.*, v. 7, p. 137; CADORNEGA, *op. cit.*, v. III p. 117; GLASGOW, *op. cit.*, p. 88; HEINTZ, *op. cit.*, p. 201; PANTOJA, *op. cit.*, p. 103.

³⁵ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 330-332.

³⁶ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 106-112.

³⁷ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 51-54.

³⁸ Idem 24.

³⁹ O conceito de poder simbólico utilizado no decorrer deste projeto está muito melhor especificado na obra do autor deste conceito. Sugerimos averiguar: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 8-10.

⁴⁰ O conceito de representação utilizado no decorrer destes escritos está muito melhor especificado na obra de CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

⁴¹ O presente estudo coloca considerações apenas sobre o reinado de Nzinga Mbandi em África centro Ocidental litorânea, nos reinos de Ndongo e Matamba do século XVII. Entretanto, pode-se perceber a figura de Nzinga sobrevivendo, se re-significando conforme o rolar dos tempos nas memórias de comunidades por todo o Brasil. Desta forma, uma memória cristalizada remete ao poderio de Nzinga, pois em território nacional (Brasil) essa memória é evocada colocando Nzinga como mulher forte e altaneira, um exemplo para os seguidores de sua imagem. Entende-se esse fato como importante, sugerindo sua verificação nas seguintes obras:

AGUIAR, Marcos Magalhães. *Festas e rituais de inversão hierárquica nas Irmandades Negras de Minas Colonial*. In. KANTOR, Íris. JANCSÓ, István. *Festa – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Tomo I e II. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial FAPESP, Huctec, 2001.

ANDRADE, Mário. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2. ed Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL: Fundação Nacional Pró-Memória - Iphan, 1982. Tomo I, II e III.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório - entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquaia*; orientação [por] Maria Eunice de Souza Maciel. - Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2006.

BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974

_____. *Os Congos no sul do Brasil*. Revista Trimestral Província de São Pedro, Rio de Janeiro-Porto Alegre-São Paulo: Editora Globo, n°10.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Made in África*. 5. ed. São Paulo: Editora Global, 2001.

_____. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001, entre outros.

⁴² CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, pp. 10.

⁴³ CHARTIER, *A história cultural...*, pp. 11.

⁴⁴ CHARTIER, *A beira da falésia...*, p. 79.

⁴⁵ Segundo GEERTZ, Clifford. *Por uma teoria interpretativa da cultura*. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, pp. 23, cultura consiste em estruturas de significados que são produzidas ao longo de um processo histórico e constituídas socialmente.

⁴⁶ THORTON, *op. cit.*, p. 279-280.

⁴⁷ BURDIEU *op. cit.*, p. 09.

⁴⁸ CHARTIER, Roger. In, DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993. 5v, pp. 41.

⁴⁹ THORTON, *op. cit.*, p. 2004.

⁵⁰ CAVAZZI, *op. cit.*, p. 71.

⁵¹ CAVAZZI, Jo *op. cit.*, p. 38.

⁵² CAVAZZI, *op. cit.*, p. 85.

⁵³ MILLER, Joseph. *Poder político e parentesco. Os antigos estados Mbundu em Angola*. Luanda: Arquivo Histórico nacional, 1995; MILLER, Joseph. *The significance of drought, disease and famine in the agricultural marginal zones of West-Central Africa*. *Journal of African History*, 23, 1982, p. 17-61.

⁵⁴ THORTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400 – 1800*. Rio de Janeiro, Elsevier: 2004.

THORTON, John. *The Kingdom of Kongo. Civil wae and transition – 1641-1718*. Maidson: University of Wisconsin Press, 1983.

⁵⁵ A coroação de rei Congo, disseminada em vastas localidades brasileiras e presente em longos períodos de tempo, foi documentada por alguns viajantes e memorialistas, com diversas feições, dependendo do lugar e da época em que foram presenciadas, sempre conservando alguns elementos estruturais, como rei Congo, rainha Ginga e dançantes, peças-chave na composição do ato. Todavia, as diversas manifestações particulares também podem e devem ser levadas em consideração por denunciarem o dinamismo presente em qualquer cultura, em qualquer prática de representação cultural, que está sempre em movimento, em mutação. In: WEBER, Priscila Maria; REMEDI, José Martinho Rodrigues. *A literatura de viagem e o império das festas: os coroamentos dos reis congos no Brasil meridional oitocentista na visão dos viajantes*. *Revista Signo*, v. 34, nº 57, pp. 239-260.

Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/933/933>

⁵⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Made in África*. 5. ed. São Paulo: Editora Global, 2001, pp. 39.

⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001, pp. 32; GLASGOW, Roy Arthur. 1982 pp, 178; BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório - entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquia*; Orientação: Maria Eunice de Souza Maciel. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2006, pp. 236.